

Renata Amaral de Matos Rocha
Guilherme Rincon Amora

Prática docente

na



EJA

do Centro Pedagógico da UFMG:

AUTORRETRATOS

Renata Amaral de Matos Rocha
Guilherme Rincon Amora

Prática Docente na EJA do Centro
Pedagógico da UFMG: Autorretratos



PROEX
PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO



CENTRO PEDAGÓGICO UFMG



EDITORA
SCIENZA

Conselho Editorial

Prof. Dr. Luciano Flávio de Oliveira -
<http://lattes.cnpq.br/0084587484397779>

Profa. Dra. Pritama Morgado Brussolo
<http://lattes.cnpq.br/1055582106065260>

Profa. Ms. Jaqueline Vansan
<http://lattes.cnpq.br/0894824514569829>

Profa. Ms. Kamila Gonçalves
<http://lattes.cnpq.br/6454079411511121>

O texto que compõe esta obra foi submetido para avaliação do Conselho Editorial da Editora Scienza, bem como revisado por pares, sendo indicado para a publicação.

Renata Amaral de Matos Rocha
Guilherme Rincon Amora

Prática Docente na EJA do Centro
Pedagógico da UFMG: Autorretratos



São Carlos - SP
2023



Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição Não Comercial Sem Derivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND).

Copyright © Todos os direitos reservados. Lei nº 9.610/1998 dos Direitos Autorais do Brasil. Conforme determinação legal, esta obra não pode ser plagiada, reproduzida ou divulgada sem a autorização de seus autores.

Todos os autorretratos foram produzidos por educandos e educandas da EJA, em 2017.

Todas as imagens e fotos deste livro são do arquivo pessoal dos autores, com prévia autorização para sua publicação.

Créditos da capa: Guilherme Rincon Amora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R582p Rocha, Renata Amaral de Matos; Amora, Guilherme Rincon

Prática Docente na EJA do Centro Pedagógico da UFMG: Autorretratos / Renata Amaral de Matos Rocha; Guilherme Rincon Amora. – São Carlos, SP : Editora Scienza, 2023.

116 p. il. color

ISBN (digital) – 978-65-5668-149-8

DOI – <http://dx.doi.org/10.26626/9786556681498.2023.B001>

1. Educação de Jovens, Adultos e Idosos – EJA. 2. Arte. 3. Cultura. 4. Pedagogia.
5. Autorretrato. I. Autores. II. Título.

CDD 370 – Educação
300 – Ciências Sociais

Elaborado por Natalia Gallo Cerrao – CRB 8/10169

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação, 370; Ciências Sociais, 300



Revisão, Editoração, Ebook, E-pub e Impressão:



Rua Juca Sabino, 21 – São Carlos, SP | (16) 3364-3346 | (16) 9 9285-3689
www.editorascienza.com.br | gustavo@editorascienza.com

Esta obra foi publicada com recurso do Edital UFMG / PROEX nº 05/2023, Fomento a Produtos Extensionistas Destinados à Educação Básica e Profissional Pública.

Prefácio

É uma honra e uma alegria imensa poder escrever o prefácio de uma obra que conta uma linda experiência com educandos e educandas da EJA no Programa de Educação de Jovens e Adultos da UFMG. A experiência narrada pela professora Renata Amaral e pelo professor-em-formação Guilherme Rincon traz a Arte como eixo central e isso, por si só, já garante muita beleza. Mas o texto, além de beleza, também nos conduz a muitas reflexões.

A primeira delas é pensar no papel da Arte na vida das pessoas. Entendo que a Arte é o que nos torna verdadeiramente humanos, é o que nos permite transcender as significações objetivas que damos para as coisas do mundo, que nos permite uma relação com a emoção e com os outros, que nos constitui como pessoa, fazendo-nos ser quem somos, e, ao mesmo tempo, nos transforma. Nos currículos escolares, a Arte muitas vezes é vista como algo secundário frente a outros conhecimentos socialmente valorizados, como ciências da natureza, matemática ou português; ou é vista como algo “recreativo”, diminuindo seu valor formativo. Na EJA, algumas vezes, os próprios estudantes “resistem” a participar das aulas de Arte. “*Pra quê precisamos aprender isso?*”, muitos questionam. No percurso, os próprios educandos conseguem responder a essa pergunta e percebem que a centralidade da Arte no percurso formativo mostra “ousadia” curricular, o que é característico deste Programa de EJA, que busca colocar em prática uma educação emancipatória, libertadora, sensível, humana e amorosa, em oposição à educação bancária, como discutido por Paulo Freire.

A segunda diz respeito ao acesso aos bens culturais. O que dizer da delícia de ver os registros das visitas aos museus? Sim, não foi só o acesso à escola que foi negado a essas mulheres e esses homens, estudantes da EJA, mas também o acesso a diversos espaços culturais, muitos deles, públicos. Não é apenas o preço dos ingressos que pode afastar determinados públicos dos museus. Muitas vezes, mesmo que existam oportunidades de acesso gratuito, é preciso saber que esses espaços existem e transitar por certos procedimentos para se obter a

entrada. Mas, acima de tudo, ainda existe um impeditivo que permeia as relações sociais que faz com que certas pessoas não se sintam “*autorizadas*” a estar em determinados lugares, ainda que públicos, que não se sintam pertencentes àquela situação social. Daí a importância da escola para garantir o acesso de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, especialmente das camadas populares, a esses espaços culturais, que também são espaços formativos e de lazer.

Para além da possibilidade de estar nesses lugares e usufruir das obras artísticas, também se abre o espaço para reflexão, para transcender aquela experiência pessoal de apreciação, buscando uma contextualização de obras e exposições. Em que contextos as obras foram feitas? Com que intenção? São perguntas que podem surgir mesmo numa visita solitária a uma exposição. Mas, no coletivo da visita escolar, os questionamentos se ampliam e se aprofundam. Aprendemos com os outros.

A essa altura já deve estar evidente a inspiração em Ana Mae Barbosa para escrever este breve texto. A fruição e a contextualização da obra artística completam com a produção uma tríade de eixos para o ensino da Arte na escola proposta por essa autora, que foi aluna de Paulo Freire e tanto influenciou a prática de professoras e professores. Essa linha nos leva, então, à produção, ao fazer artístico que, nesta obra, é a produção de autorretratos, para fechar essa tríade.

O trabalho desenvolvido, ao convidar os educandos ao fazer artístico, trouxe desafios também para os professores em formação. Evitar a infantilização das tarefas, contornar a inibição de quem não está acostumado a se expor, desenvolver técnicas que exigem habilidades pouco demandadas nos afazeres da vida dos estudantes, são alguns desses desafios. Esse fazer artístico não se dá sem reflexão. A proposta de se fazer um autorretrato convida a um “*olhar para si*” e, nesse processo, reconhecer-se e estranhar-se. Um processo que culmina com uma exposição em um espaço público. As educandas e educandos da EJA revelam a satisfação de entregar sua obra, seu autorretrato, para a fruição de outras pessoas. Mais do que “*exibir*” as produções artísticas, a exposição coloca esses estudantes numa posição de produtores de cultura.

A produção dos estudantes não é um retrato de um momento apenas, mas o resultado da experiência de cada uma e de cada um naquele ano, uma experiência verdadeiramente transformadora. Esta é uma obra que alimenta a esperança de que a Educação brasileira, como tanto sonhou Paulo Freire, seja, de fato, libertadora, de corpos e de mentes. A experiência contada compõe um retrato da Educação de Jovens e Adultos que transborda afetos e esperanças.

Denise Alves de Araujo

Sumário

Introdução	13
Capítulo 1	
Autorretratos das Muitas Experiências Vividas.....	21
Capítulo 2	
Educação Básica de Jovens, Adultos e Idosos na UFMG	59
2.1. Articulação entre Extensão, Ensino e Pesquisa.....	62
2.2. A EJA no Contexto do Brasil	65
2.3. Formação de Educadores de EJA.....	68
Capítulo 3	
Escola e Espaços Culturais: (re)apropriação dos Espaços e Construção do Conhecimento	71
Capítulo 4	
A Linguagem do Desenho: Autorretrato	87
Capítulo 5	
Caminhos de Construção do Conhecimento	93
5.1. Proposta Pedagógica: Autorretratos	94
5.1.1. Sujeitos	94
5.1.2. Objetivos	95
5.1.3. Metodologia	96
5.1.4. Desenvolvimento do Trabalho.....	97
5.1.5. Avaliação Geral do Trabalho.....	102

Agradecimentos	105
Sobre os Autores	111
Referências	113

Introdução

A Educação de jovens e adultos



é nosso

ATO POLÍTICO,



DE LUTA



e

RESISTÊNCIA,



em prol de uma EDUCAÇÃO pública, laica, de
qualidade social para todas as pessoas.

Autorretratos das Muitas Experiências Vividas

*No retrato que me faço
— traço a traço —
às vezes me pinto nuvem,*

*às vezes me pinto árvore ...
às vezes me pinto coisas,
de que nem há mais lembrança ...
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão ...*

*e, desta lida, em que me busco
— pouco a pouco —
minha eterna semelhança,*

*no final, que restará?
Um desenho de criança ...
Corrigido por um louco!¹*

Mario Quintana, 1998.

Desenhar a figura humana pode se tornar uma prática pedagógica multifacetada e significativa para jovens, adultos e idosos, oportunizando muitos aprendizados, pois permite pensar sobre si, sobre seu corpo, sua personalidade, sua identidade, seu papel e espaço no mundo em que se vive.

¹ **O auto-retrato.** In: QUINTANA, Mario. Apontamentos de história sobrenatural. 6 ed. São Paulo: Globo, 1998, p. 22.

O autorretrato como linguagem, bem como o retrato, pode ser entendido como *“a captação, numa imagem, das forças de um rosto”*, conforme José Gil², que pode expressar as vivências do sujeito que se autorretrata. Em consonância com o que diz a pesquisadora e artista Edith Derdyk: *“é pelo corpo que o mundo interior, psíquico, se comunica com o mundo exterior, social”* (Derdyk, 2004).

O produto desta prática pedagógica desenvolvida dialogicamente entre educandos, professores em formação e professores coordenadores da EJA do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pode ser apreciado por meio dos registros dos autorretratos produzidos pelos sujeitos envolvidos neste processo de construção do saber. O detalhamento desta prática será compartilhado na sequência destes potentes registros, sendo relatada pelos autores desta obra, que vivenciaram essa prática sob a ótica docente, buscando, sempre, inserir a voz dos educandos nesta narrativa pedagógica.

2 Em entrevista concedida à Revista de História da Arte, n. 5, 2008.

Adelso Antônio da Silva,
educando da EJA



Alzeni Alves Chagas,
educanda da EJA



Ana Maria da Silva Ferreira,
educanda da EJA



Breno Figueirôa Rodrigues,
educando da EJA



Cláudia Márcia Bonifácio Nogueira,
educanda da EJA



*Dalva Maria Fonseca Librelon,
educanda da EJA*



*Danielle da Fonseca de Paula,
educanda da EJA*



**Euler de Cássio Machado,
educando da EJA**



Fábio José de Souza Gardini,
educando da EJA



Geraldo Eustáquio de Souza,
educando da EJA



Guilherme Rincon Amora,
professor em formação da EJA, Arte



*Herivelto Vieira dos Santos,
educando da EJA*



**Humberto Bellilo,
educando da EJA**



*Ilimar Gabriel de Oliveira,
educanda da EJA*



Joelma Ap. Borges de Oliveira,
educanda da EJA



*Leda de Oliveira Lino,
educanda da EJA*



Lucivânia Lins Barroso Arruda,
educanda da EJA



*Marcela Rodrigues Messias,
educanda da EJA*



Maria Aparecida Santiago,
educanda da EJA



**Maria de Lourdes Luiz Soares,
educanda da EJA**



Maria dos Santos Rodrigues,
educanda da EJA



Maurício Antunes de Souza,
educando da EJA



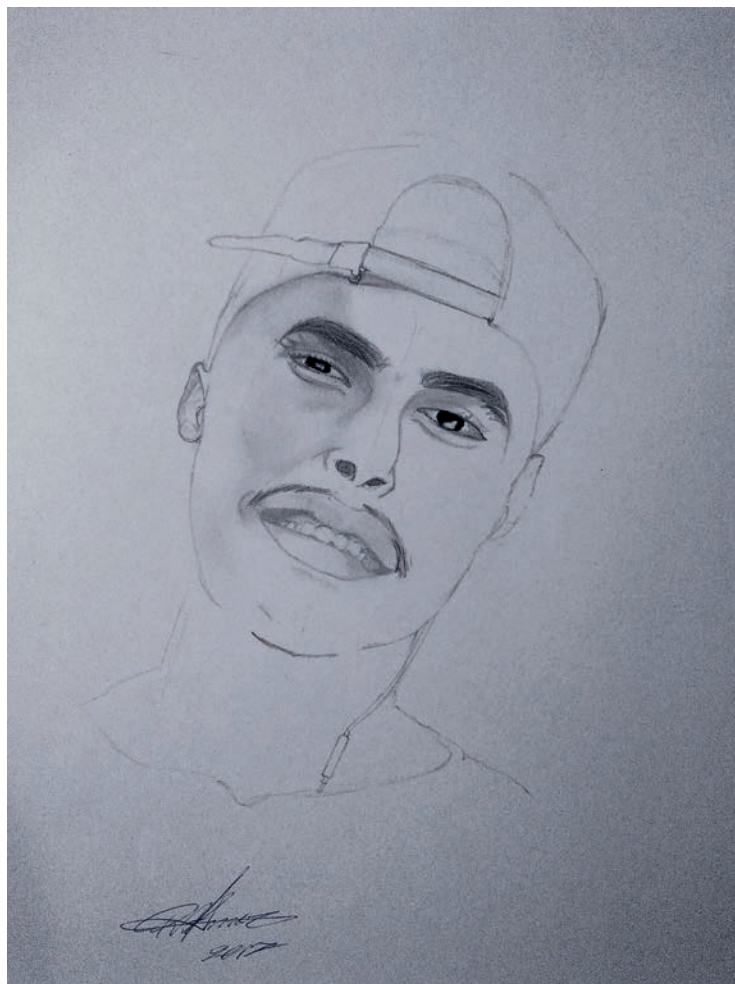
Nilma Alves dos Santos Britto,
educanda da EJA



*Onésio Lúcio Chagas,
educando da EJA*



Pedro Henrique Morais de Carvalho,
educando da EJA



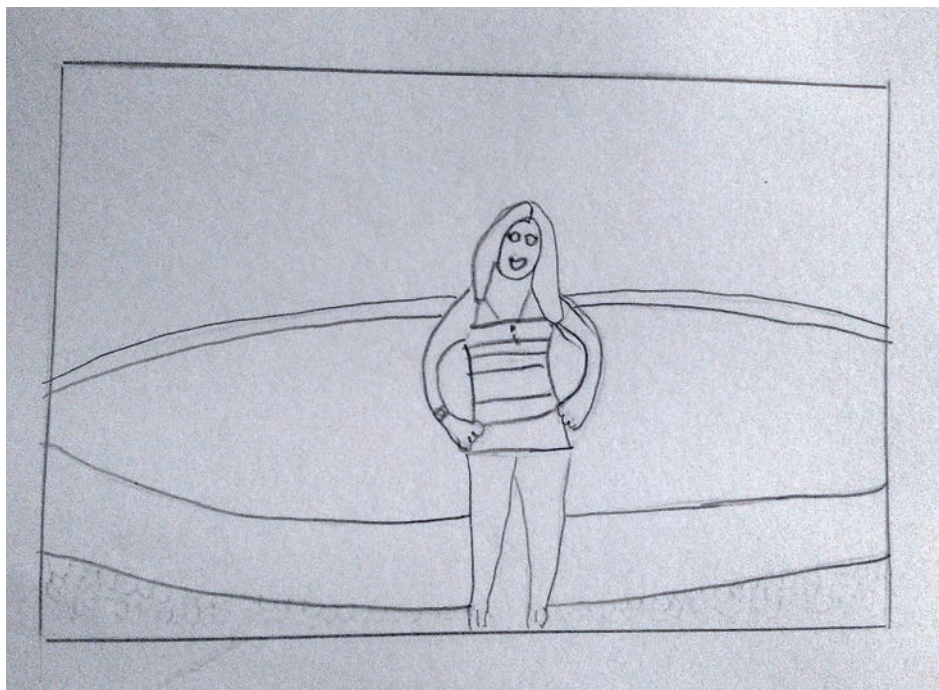
Rafael Silva e Souza,
educando da EJA



Renata Amaral,
professora coordenadora da turma



Rosângela Pedrosa de Souza,
educanda da EJA



Roseni de Jesus Morais,
educanda da EJA



Sérgio Leão de Souza,
educando da EJA



Silvanira Olinda Costas,
educanda da EJA



**Teresa Cristina de Azevedo,
educanda da EJA**



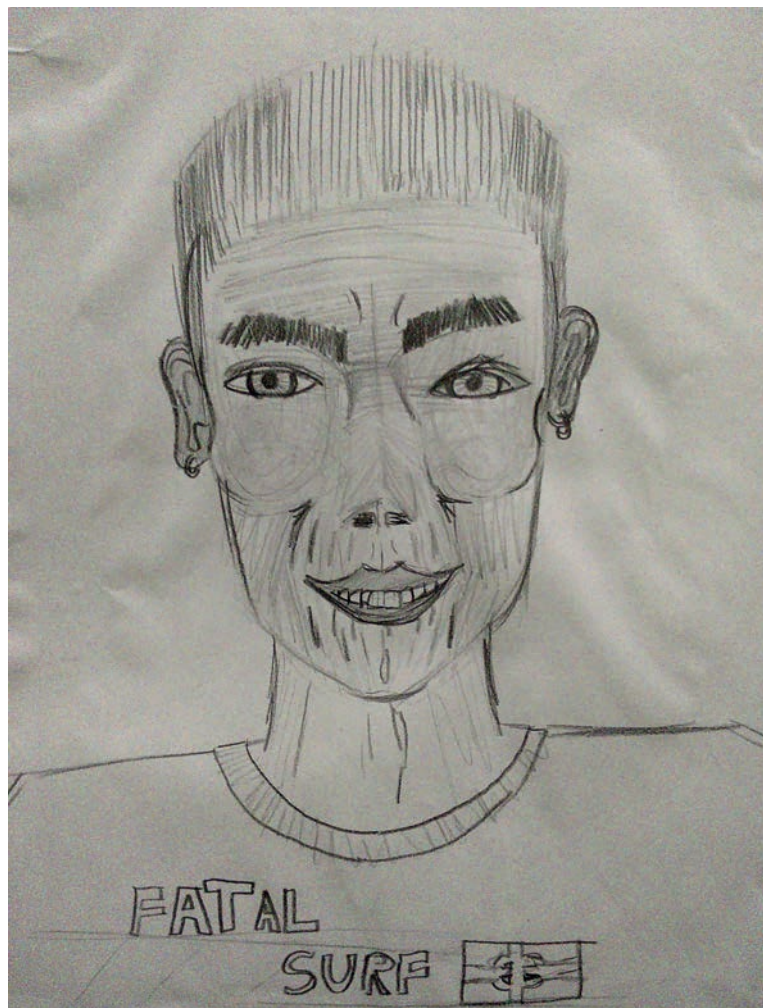
Vanessa Gonçalves Nazareth André,
educanda da EJA



*Virginalda Alves de Araújo,
educanda da EJA*



Vitor Piriz Cabral,
educando da EJA



Educação Básica de Jovens, Adultos e Idosos na UFMG

Em 1985, um grupo de professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) mobilizou-se para atender a uma demanda de funcionários da Universidade de “*terem o 1º grau*”, porque, até aquele momento, não sabiam ler, escrever ou não haviam concluído a Educação Básica, embora atuassem dentro de uma Escola. Nesta ocasião, a Associação dos Servidores³ da UFMG e professores de diversas unidades da Instituição, como o Professor Tomaz Aroldo da Mota Santos, naquele momento, pró-Reitor de Extensão, que se tornaria Reitor de nossa Universidade, em 1994, e o Professor Luiz Pompeu de Campos, Diretor Geral do Centro Pedagógico (CP-UFMG)⁴, estiveram à frente desta empreitada de reivindicar e implementar o “*curso de 1º grau*” para estes sujeitos. No mesmo ano, na Faculdade de Letras da UFMG, outro grupo de professores, entre os quais destacamos os Professores Milton do Nascimento, Marco Antônio de Oliveira e Daniel Alvarenga, elaborou uma proposta de alfabetização de adultos.

Todos os envolvidos nestes movimentos lutavam contra a permanência deste cenário, no qual a construção do conhecimento, por meio do domínio e do uso das habilidades de leitura e escrita, não era assegurada a todos os sujeitos que construía(m) as (suas) histórias na UFMG,

3 Associação dos Servidores da Universidade Federal de Minas Gerais – ASSUFEMG, fundada em 1974.

4 Centro Pedagógico da UFMG, criado em 1954.

como bem relatou a Professora Juliana Melo, no Seminário de abertura do ano letivo de 2019, no CP-UFMG.

Em 1986, estas propostas foram aprovadas e implementadas, com a decisiva participação do Professor Luiz Pompeu de Campos, à época, diretor-geral do Centro Pedagógico, e do Pró-Reitor de Extensão daquela época, o Professor Tomaz. Nascia o Projeto Supletivo, no CP-UFMG, a fim de oferecer aos trabalhadores da Universidade instrumentos para uma efetiva participação nas culturas do escrito. À medida que o Projeto funcionava e consolidava-se, seu perfil também se modificava.

O Projeto tornava-se cada vez mais fundamentado e necessário, seja pelo desenvolvimento de práticas de ensino baseadas na Pedagogia de Paulo Freire, sejam pelas conquistas dos sujeitos envolvidos no cotidiano da Educação de Jovens e Adultos na UFMG, tais como a conquista da certificação dos educandos, o atendimento do público interno e externo à Universidade, a implementação e a consolidação de um Projeto de Alfabetização na Universidade, na década de 1990, denominado PROEF-1⁵, a implantação do *2º grau*, também na década de 1990, no COLTEC⁶, com o PEMJA⁷ (1998). Em 2017, atendendo a questões político-pedagógicas, o Ensino Médio de jovens e adultos também passou para a responsabilidade do Centro Pedagógico, sob a

5 Projeto de Educação Fundamental de Jovens e Adultos, 1º segmento.

6 Colégio Técnico da UFMG.

7 Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos do COLTEC-UFMG.

rubrica PROEMJA⁸, que adotou os princípios e metodologias já vigentes no PROEF-1 e PROEF-2⁹.

Ao longo dos anos, o Projeto Supletivo, que, inicialmente, atendia aos trabalhadores da Universidade que já conheciam as tecnologias do ler e do escrever, foi se tornando um Projeto de Ensino Fundamental. O Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos, com projetos abarcando todos os anos escolares do ensino básico, atrelado à formação de professores, foi sendo desenhado e implementado.

No âmbito da Educação Básica, o Programa e seus Projetos ganharam autonomia para avaliar seus estudantes, assegurando uma organização curricular interdisciplinar que propicie a produção de conhecimentos relevantes para estes sujeitos, respeitando o estudante trabalhador como agente em seu processo de aprendizagem, como protagonista de sua formação, considerando suas vivências, sua bagagem de saberes construídos ao longo da vida, em diferentes espaços de sociabilidade. Na esfera da formação de professores, o Programa foi se consolidando como espaço de vivências docentes orientadas de grande impacto para os estudantes das diversas Licenciaturas da UFMG. Estes estudantes de graduação são orientados por docentes e pesquisadores da Universidade, os quais também se dedicam ao trabalho de investigação e à produção de conhecimento, a partir dos estudos realizados na EJA.

8 Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos do CP-UFMG.

9 Projeto de Educação Fundamental de Jovens e Adultos, 2º segmento.

2.1. Articulação entre Extensão, Ensino e Pesquisa

O “*Programa de Extensão de Educação Básica de Jovens, Adultos e Idosos da UFMG*” reúne os projetos de escolarização básica de pessoas adultas, contemplando as etapas do Ensino Fundamental e Médio. Além desses projetos de extensão, o Programa conta com um projeto de ensino voltado para a formação de educadores de jovens e adultos. Os referidos Projetos foram sendo criados, e têm sido desenvolvidos e articulados, na UFMG, ao longo dos últimos 37 anos, contados a partir do surgimento do Projeto Supletivo, no Centro Pedagógico, em 1986, que, doze anos mais tarde, se tornou o PROEF-2, e se reuniu ao PROEF-1 (antigo Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos) e ao PEMJA, na década de 90, que passou a se chamar PROEMJA, em 2017.

Os projetos de escolarização de jovens e adultos (PROEF-1, PROEF-2 e PROEMJA) envolvem docentes e graduandos dos cursos de licenciatura da EBAP¹⁰, da FaE¹¹, do ICEx¹², da EBA¹³, da FaFiCH¹⁴, do ICB¹⁵, do IGC¹⁶, da FaLe¹⁷ e da EEEFTO¹⁸, na concepção, na organização e no desenvolvimento de uma proposta pedagógica que ofereça a pessoas adultas uma experiência escolar concebida especificamente para esses sujeitos.

10 Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG.

11 Faculdade de Educação da UFMG.

12 Instituto de Ciências Exatas da UFMG.

13 Escola de Belas Artes da UFMG.

14 Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG.

15 Instituto de Ciências Biológicas da UFMG.

16 Instituto de Geociências da UFMG.

17 Faculdade de Letras da UFMG.

18 Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

O Projeto de Ensino: “*Projeto Especial de Formação de Educadores de Jovens e Adultos*” (PEFEJA) está voltado para a formação inicial de educadores de jovens e adultos, valendo-se das demandas e das possibilidades experimentadas no exercício da prática pedagógica que nos é proporcionada pelos projetos de escolarização supracitados e da reflexão sistematizada subsidiada pelos projetos de pesquisa desenvolvidos por professores e licenciandos vinculados ao Programa e também pelos estudantes de pós-graduação que elegem a EJA como campo de pesquisa.

A proposta, o método e a dinâmica desses diversos Projetos possibilitam ao Programa desenvolver uma ação social em resposta a uma demanda de escolarização de jovens, adultos e idosos da comunidade interna e externa à Universidade e, também, criar competências e implementar um consistente projeto de formação de educadores, em profunda articulação com atividades de pesquisa, referenciadas, alimentadas e legitimadas pela prática docente refletida. Tal articulação oportuniza a construção de uma linha de trabalho e de uma perspectiva político-pedagógica em que o coletivo se reconheça: no planejamento e no desenvolvimento de atividades (comuns ou específicas) de formação de licenciandos-bolsistas, de estagiários e de professores da Educação Básica em formação continuada; na produção de conhecimento referenciada na interação entre os desafios e as vivências da prática, as alternativas criadas e avaliadas, a reflexão sistemática e as contribuições da literatura, em especial, as advindas do pensamento de Paulo Freire; na constituição e no acompanhamento de fóruns de discussão de ideias e de propostas, no campo da EJA.

Nesta perspectiva, o Programa busca, ainda, contribuir para uma institucionalização mais orgânica e produtiva da discussão sobre a Educação Básica de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas na agenda político-acadêmica da UFMG e da Universidade Brasileira, propondo e viabilizando uma maior inserção dessa discussão nas ações de formação docente, no âmbito dos cursos de licenciatura e de pós-graduação, buscando assegurar o direito constitucional de educação para todas as pessoas.

Para sua realização, o Programa demanda, aproximadamente, 55 (cinquenta e cinco) bolsas para estudantes de graduação, sendo distribuídas entre PROEF-1, PROEF-2, PROEMJA, e conta com a participação de 55 (cinquenta e cinco) estudantes de graduação, 20 (vinte) professores-coordenadores de áreas do conhecimento e de equipes interdisciplinares; 4 (quatro) professores-coordenadores geral e por segmento; e 1 (um) técnico-administrativo. Além disso, utiliza salas de aula, laboratórios de informática, bibliotecas, quadras, pátio, sala de monitores, seção de ensino, sala de reuniões, auditórios, sala de teleconferência e reprografia do Centro Pedagógico e da Faculdade de Educação, entre outros espaços da Universidade, sob demanda pontual. E cada vez mais vem estabelecendo elos com espaços não formais de aprendizagem, como os espaços culturais.

O número de educandos pode variar por razões pedagógicas ou de fluxo, mas temos potencial para atender a um total de aproximadamente 750 pessoas. A carga horária semestral para o Ensino Fundamental é de 200 horas; para o Ensino Médio, 250 horas. Os educandos permanecem, em geral, 3 (três) anos na EJA, totalizando

1200 a 1500 horas de formação. A semana letiva é organizada com aulas de segunda a quinta-feira, no PROEF-1 e 2, e de segunda a sexta-feira, no PROEMJA. São ministradas 3 (três) aulas de 1 (uma) hora de duração por noite letiva, ficando 12 (doze) tempos semanais, no Ensino Fundamental, e 15 (quinze), no Médio, distribuídos em aulas das diversas áreas do saber e em momentos dedicados a projetos e atividades inter e/ou transdisciplinares.

A prática docente que estamos compartilhando foi uma construção conjunta envolvendo os educandos do 1º ano do Ensino Médio do PROEMJA, que ingressaram em 2017, primeira turma do Projeto, os professores em formação dessa turma, os professores orientadores e diversos parceiros ligados a espaços culturais.

2.2. A EJA no Contexto do Brasil

A escolarização de jovens, adultos e idosos brasileiros é nosso ato político, de luta e resistência contra um sistema de organização social de aculturação, dominação e exploração dos povos, que remonta à colonização do nosso país (Paiva, 1973), época em que o acesso à formação escolar e aos bens culturais era um privilégio das pessoas de classes média e alta, visando à perpetuação do modelo opressor de sociedade. Estamos em pleno século XXI e essa distinção persiste, porque ainda não temos uma política que assuma efetivamente a educação como direito universal, em qualquer momento da vida, e em consonância com as especificidades individuais e coletivas. Isso porque o descaso com a educação faz parte de um projeto político de um grupo.

A EJA tem rosto, cor e classe. As pessoas que participam da EJA, em sua maioria, são jovens e adultos da classe popular; são homens e mulheres, com responsabilidades sociais e familiares, predominantemente negras e negros; são trabalhadores proletariados, às vezes, sem-trabalho, que, no curso da história, tiveram o direito à educação negado. Devido às demandas da vida, que exigia escolher entre trabalho e escola, essas pessoas precisaram optar entre a sobrevivência e o conhecimento formal, conforme Santos (2012).

Neste mesmo cenário, exaltamos a força da EJA, que está na capacidade de manter a esperança em movimento e de organização coletiva. Muitos são os coletivos que compõem a EJA – movimentos sociais, de mulheres, de negros, de indígenas, dos trabalhadores sem-terra, dos que buscam por uma educação do/no campo, das pessoas LGBTQIA+, dos trabalhadores sem-teto, das pessoas em situação de rua e de milhares de famílias, – na luta por um mundo justo.

Neste contexto, todos nós, educadores, também estamos presentes, e nossa ação docente precisa contribuir para emancipação dos sujeitos e para construção de mecanismos coletivos que tenham potencial para transformar o mundo em que vivemos.

Paulo Freire também está presente nestes coletivos com sua ação educativa que desmascara as estruturas sociais que oprimem, que segregam e que subalternizam determinados grupos sociais. Freire propõe uma educação emancipatória, libertadora, em oposição à educação bancária, porque acredita que,

se o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo,

sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele (Freire, 2018, p. 111).

Educar com Paulo Freire não é contribuir para nomear o mundo de maneira fatalista e determinista. Ao contrário disso, é contribuir para problematização da realidade, para nos reconhecermos como sujeitos da história e sermos capazes de compreender criticamente o contexto em que estamos inseridos. E, por meio deste processo de ensino e aprendizagem, possamos ser capazes de refletir sobre nós mesmos, como sujeitos e cidadãos, e nos reelaborarmos como seres humanos, aprendendo a dizer a nossa própria palavra, a escrever a nossa própria história.

O direito à educação é uma das nossas grandes conquistas, nunca foi uma benesse do Estado. Na verdade, é alvo de uma luta contínua contra o retrocesso, o dismantelamento das políticas públicas de educação, a manutenção do estado de coisas, a opressão e a favor de uma educação pública, laica, democrática e de qualidade social para todas as pessoas.

A EJA é nossa bandeira de luta por justiça social. Lutar, sonhar, esperar são nossos imperativos. Na EJA, Paulo Freire é verbo, por isso, conclamamos todos a freireanear!

2.3. Formação de Educadores de EJA

A formação docente, de modo geral, é um fenômeno complexo, que envolve múltiplos condicionantes e pode ser compreendida por diferentes vieses teórico-metodológicos. A formação de educadores de EJA tem ainda mais especificidades, pois precisa lançar luz sobre as peculiaridades de formação que envolvem o público da EJA, que estão relacionadas ao currículo, ao material didático, à avaliação, à reflexão teórico-prática, aos tempo-espacos, à diversidade de sujeitos, à inclusão, à supervisão recebida e à própria formação nas áreas específicas do conhecimento nas licenciaturas (Arroyo, 2006, p. 22).

Um dos grandes desafios da formação de educadores de jovens e adultos está na consolidação da práxis, assentada no “*fazer pensar e no fazer pedagógico*” (Costa; Rodrigues; Machado, 2016, p. 40). Nesse sentido, estamos diante de um desafio de caráter pedagógico, identitário e de desenvolvimento profissional.

Com base em Freire, a formação só acontece no seio de uma educação problematizadora, educação que é *práxis*, que se constrói na experiência vivida, em meio a relações dialógicas entre educandos e entre esses e os educadores, como um *ensaio da experiência profunda de assumir-se*, conforme Freire (2018). “*Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar*” (Freire, 2018, p. 42). Isso exige o reconhecimento de que somos seres em construção e que nos construímos na relação com o outro: “*é a ‘outridade’ do ‘não-eu’, ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu*” (Freire, 2018, p. 42).

Este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida.

O ideal é que, na experiência educativa, educandos, educadoras e educadores, juntos, “convivam” de tal maneira com este como com outros saberes de que falarei que eles vão virando sabedoria. Algo que não nos é estranho a educadoras e educadores. Quando saio de casa para trabalhar com os alunos, não tenho dúvida nenhuma de que, inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, “programados, mas para aprender”, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender e ensinar quanto mais sujeitos e não puros objetos do processo nos façamos (Freire, 2018, p. 57-58).

A formação de educadores de jovens e adultos demonstra sua relevância ao contribuir para consolidação do importante papel deste educador, que consiste em criar condições para que os sujeitos da EJA externalizem toda a sua potência e capacidade para transformarem a realidade social, na perspectiva da educação libertadora defendida por Paulo Freire (1987). Ao mesmo tempo, essa formação docente tem potencial para provocar a curiosidade epistemológica (Freire, 2018), ao instigar os educadores a construir conhecimento a partir da pesquisa alimentada pela prática, em diálogo com todos os envolvidos no processo educativo.

A experiência docente vivenciada pelos licenciandos da UFMG, na condição de professores em formação, no “*Programa de Extensão de Educação Básica de Jovens e Adultos*” busca contribuir com este grande desafio da formação de educadores de EJA, que consiste na consolidação da *práxis*, assentada no “*fazer pensar e no fazer pedagógico*” (Costa; Rodrigues; Machado, 2016, p. 40), fundamentada em Paulo Freire (1980, 1982, 1983, 1987, 2002, 2004, 2010, 2018).

Escola e Espaços Culturais: (re)apropriação dos Espaços e Construção do Conhecimento

A escola deve promover uma educação para a liberdade (Freire, 1982, 1987, 2004) que, para além do escopo do ler, escrever e fazer conta, tem a tarefa de “*desvelar as relações opressivas vividas pelo homem, transformando-o para que ele transforme o mundo*” (Soares, 2006, p. 18). Por sua vez, consideramos que os espaços culturais, como os museus, têm a função de “*ser um instrumento de desenvolvimento social e cultural, a serviço de uma sociedade democrática*” (Soares, 2006, p. 4).

A aproximação entre escola e espaços culturais pode ser um modo de viabilizar e/ou potencializar o acesso os educandos da EJA aos bens culturais, inclusive da cultura dominante comumente elitizada, respeitando a história e o contexto de vida de cada sujeito, contribuindo para tomada de consciência sobre a realidade que o cerca e dialogando criticamente sobre ela.

Uma das etapas de desenvolvimento da prática pedagógica de produção dos autorretratos que relatamos, envolvendo educandos e educadores da EJA, passou pela apreciação de exposições em três espaços culturais: i. Centro Cultural Banco do Brasil, CCBB; ii. Espaço do Conhecimento da UFMG, ambos em Belo Horizonte, Minas Gerais; e iii. Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, MASP, em São Paulo, capital.

Logo no início do ano letivo, nós, professores, convidamos os educandos da EJA para visitarem o CCBB-BH, a fim de apreciarmos a exposição “*Entre nós: a figura do humano no acervo do MASP*”. O convite foi unanimemente aceito. Este foi o primeiro contato de muitos estudantes com obras de arte físicas, deslocadas dos livros didáticos e apresentações de imagens virtuais em sala de aula. Fomos recebidos pela Equipe do Educativo do CCBB, composta por arte-educadores sensíveis, que tornaram a apreciação da exposição um momento ainda mais significativo.

Nesta ocasião, vivenciamos momentos marcantes. Três destes momentos permanecem em nossas memórias e serão sempre retomados em nossas discussões: i. o questionamento de alguns educandos da EJA sobre a real possibilidade de entrarem naquele espaço “*tão suntuoso*”, o que nos fez sentir profunda dor, por percebermos o quanto estes sujeitos foram postos à margem de nossa sociedade elitista; ii. o rolar de lágrimas nos olhos de algumas educandas, ao apreciarem as obras de arte; e iii. os calorosos agradecimentos a nós, professores, ao final da visita, como se tivéssemos realmente feito algo muito especial para estes sujeitos.

Estes são alguns dos registros da nossa visita ao CCBB:



Em seguida, o convite foi para conhecer o Espaço do Conhecimento da UFMG, a fim de apreciarmos a exposição “*Demasiado Humano*”. A equipe do Espaço nos recebeu calorosamente e com muita atenção. O percurso de visitação à exposição “*Demasiado Humano*” causou impacto nos educandos, que acompanharam atentamente as explicações do mediador, fizeram registros fotográficos e perguntas das mais diversas. A expressão de curiosidade era nítida no semblante de cada estudante. Veja a seguir alguns dos registros do momento:

Estes são alguns dos registros da nossa visita ao Espaço do Conhecimento da UFMG:



Desse coletivo de pessoas, destacamos as falas de alguns estudantes, que expressaram a importância do momento vivenciado:

Eu, depois de adulta, já com quase 70 anos... o museu do conhecimento, por exemplo, foi uma coisa fantástica... eu não imaginava, eu não sabia que existia... uma coisa fantástica... eu jamais esquecerei (Ana Maria da Silva Ferreira).

Foi minha primeira visita com a turma e foi minha primeira visita no Espaço do Conhecimento UFMG; eu nunca tinha me imaginado lá. Então, foi mágico para mim (Danielle da Fonseca de Paula).

Olha, esta visita foi ótima, porque eu nunca tinha ido lá (Joelma Aparecida Borges de Oliveira).

Percebi a importância de aliar conhecimento da sala de aula com a experiência em outros espaços... eu vi a importância que tem a gente conhecer os lugares... a riqueza de detalhes... (Maria Aparecida Santiago).

No segundo semestre letivo, tivemos a oportunidade de vivenciar uma imersão cultural na capital paulista, durante três dias. Entre as diversas atividades culturais de que participamos, visitamos o “*Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand*”, MASP, para apreciarmos as exposições que estavam abertas ao público e ampliar a experiência vivenciada no CCBB, com foco na figura humana.

A coleção do MASP reúne mais de 11 mil obras, incluindo pinturas, esculturas, objetos, fotografias, vídeos e vestuário de diversos períodos, abrangendo a produção europeia, africana, asiática e das Américas. Seu acervo é considerado o mais importante acervo de arte europeia do Hemisfério Sul, conforme informações do site do museu.

Essa imersão foi muito potente, pois tivemos contato com a cultura de outro estado de modo intenso, o que, certamente, marcou cada um dos sujeitos envolvidos. Muitos dos educandos nunca tinham visitado outro estado, nem vivenciado uma experiência cultural tão intensa. Foi muito potente. Veja a seguir alguns registros da experiência:

Estes são alguns dos registros da nossa visita ao MASP:



Avenida Paulista, a caminho do MASP.



Entrada do MASP.



De “*Demasiado Humano*” à “*Figura do Humano*”, buscamos criar situações para que os estudantes pudessem perceber que, em todos os períodos, o ser humano se ocupou de sua representação: na pré-história, em cenas de caça; na Grécia Antiga, na escultura, em busca de um ideal de beleza, simetria e harmonia que representasse externamente as qualidades humanas e, na pintura clássica, na constituição social e econômica da sociedade quanto ao imaginário religioso.

Também procuramos dialogar sobre o mito da homogeneidade cultural, com base no qual “*uma cultura dominante é selecionada e elevada ao estatuto de cultura oficial em detrimento da variedade de culturas existentes ou que existiram no passado, no território nacional*” (Soares, 2006, p. 4). Discutimos também sobre a elitização dos espaços de cultura e arte, que dificulta o acesso de grande parte da população brasileira a esses bens, buscando construir a compreensão de que esses espaços deveriam representar a diversidade dos sujeitos e do mundo em que vivemos e ser acessível a todas as pessoas. Nesse processo dialógico e reflexivo, os educandos perceberam que são sujeitos históricos, sendo produtores de cultura e podendo criar arte, porque todos os grupos que existem no âmbito do Estado-nação devem ter os mesmos direitos e possibilidades de preservar, valorizar, utilizar e difundir sua própria cultura, com bem coloca Soares (2006, p. 4).

Desse contexto, originou a produção dos autorretratos pelos educandos, que também contou com o estudo de uma base teórica sobre o gênero autorretrato e o aprendizado de algumas técnicas ligadas à sua produção, no curso das aulas de Artes Visuais, ministradas pelo professor em formação Guilherme Rincon, e orientadas pela professora

Renata Amaral, que assumem o papel de autores desta obra. Além disso, os autorretratos dos educandos foram as peças centrais da exposição “*Autorretratos da EJA*”, que organizamos, no final do ano letivo de 2017, no Espaço Arte-Educação da Faculdade de Educação da UFMG, como mostram os registros:

*Registros da exposição no Espaço Arte-Educação da
Faculdade de Educação da UFMG*





Esse movimento provou a iminente e legítima sensação de satisfação, de vitória, de superação, de pertencimento aos espaços de nossa sociedade por parte dos estudantes, contribuindo para que esses sujeitos da EJA, cada vez mais, possam ocupar os espaços sociais que desejam e que lhes são de direito.

Paulo Freire reflete sobre o homem como um ser de relações

“temporalizado e situado”, ontologicamente inacabado – sujeito por vocação, objeto por distorção –, descobre que não só está na realidade, mas também que estão com ela (...) o homem e somente o homem é capaz de transcender, de discernir, de separar órbitas existentes diferentes, de distinguir o “ser” do “não ser”; de travar relações incorpóreas. Na capacidade de discernir estará a raiz da consciência de sua temporalidade, obtida precisamente quando atravessando o tempo, de certa forma até então unidimensional, alcança o ontem, reconhece o hoje e descobre o amanhã (Freire, 1983, p. 62-63).

Neste contexto, refletimos, com base em duas obras de Paulo Freire, “*Pedagogia do oprimido*” (1987), que teve sua primeira edição em 1968, e “*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*” (2018), lançado pela primeira vez em 1996. Freire destaca a revolução, e propõe uma discussão sobre “*ação cultural*” e “*revolução cultural*”. Para ele, a ação cultural é desenvolvida em oposição à elite que controla o poder e a revolução cultural ocorre em completa harmonia com o regime revolucionário. Freire enfatiza o potencial libertador e manipulador que se pode exercer pelo mesmo viés, a cultura. Enquanto a ação cultural para a libertação se caracteriza pelo diálogo, como selo do ato

de conhecimento, a ação cultural para a domesticação procura embolar as consciências. A primeira, problematiza; a segunda, sloganiza. Desta forma, o fundamental na primeira modalidade de ação cultural, no próprio processo de organização das minorias sociais, é possibilitar a estas a compreensão crítica da verdade de sua realidade e oportunizar a realização de ações para melhorá-la, porque a educação é também um ato político.

A Linguagem do Desenho: Autorretrato

No autorretrato, subgênero do retrato, o artista procura se retratar de forma mais íntima e se descobrir durante o processo. Além de ser o responsável pela produção da obra, ele também se coloca como tema principal e tenciona as relações entre criador e criação, o que pode provocar um processo de reflexão por parte do artista sobre seu universo particular. Isso porque a linha é tênue entre o criador e sua obra, uma vez que os dois são o mesmo, em potencial. A obra é a criação (o autorretrato). A estética e o conceito da obra são o criador. É quase inexistente a separação entre eles (criador e obra), como normalmente existe em outros gêneros da pintura.

Assim, esse tipo de representação constitui um exercício que permite ao sujeito expressar suas vivências, angústias, anseios, tristezas, alegrias, a partir de uma observação constante de si. Em suma, este tipo de ação permite revelar traços do sujeito-artista-criador por meio de pinceladas, cores, poses e expressões ancoradas no seu meio.

Um grande exemplo desse tipo de pintura é do mestre holandês *Rembrandt Harmenszoon van Rijn* (1606-1669), que nos permite, por meio de seus autorretratos, conhecer o seu percurso de vida e suas nuances, da juventude à velhice, mostrando o homem de vontade indomável, mas solitário que ele retratava.

Nas palavras de Edith Derdyk, pesquisadora e artista,

é pelo corpo que o mundo interior, psíquico, se comunica com o mundo exterior, social. Cada época desenha a sua figura, a sua imagem, a sua persona cultural [...] são várias tendências dominantes que acabam por nos revelar os múltiplos significados que o corpo assumiu dentro de cada cultura (Derdyk, 1989, p. 31).

Para Derdyk, o estudo da figura humana se sustenta em três pilares: a percepção, a imagem e o conhecimento. A percepção, segundo a artista, é inerente ao desenvolvimento humano. Antes mesmo de falarmos, ainda quando crianças, gesticulamos, através do mimetismo, reproduzindo e recriando movimentos corporais, ou melhor, através de nossa percepção do outro. “*O corpo, este feito de matéria viva, possibilita a percepção da existência de um dentro e um fora*” (Derdyk, 1989, p. 21-23).

A imagem é nosso campo de visão e não-visão. Ela se manifesta tanto no exterior quando no interior do homem. Segundo o historiador Sergio Lima (1976), “*em sua matéria-prima, a arte está intimamente ligada à representação. A origem da arte faz parte da origem do homem, da representação do homem: a arte como a apresentação da visão*”. Afinal, pensamos em imagens, conforme reitera Derdyk:

Nossos pensamentos, emoções, sentimentos, fantasias e visões, apesar de não serem objetos palpáveis e manipuláveis, possuem uma realidade física. Um pensamento é formado por centenas de impulsos eletroquímicos que percorrem nosso cérebro. O cérebro armazena informações, sensações, percepções. Também compara, sintetiza,

analisa, materializa as abstrações, inventa representações, fabrica imagens (Derdyk, 1989, p. 19).

Já o conhecimento é a reflexão, que se origina no interior do próprio corpo e consegue perceber entre as coisas (o *dentro* e o *fora*), o mundo interior, psíquico, e o mundo exterior, social, conforme supracitado. É a capacidade do homem de se distinguir da natureza, de exercer sua criatividade e sua criticidade, o que coaduna com Paulo Freire, que diz que

a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (Freire, 2018, p. 33).

Assim, as ideias se transformam em visões que se transformam em linhas, formas, cores, rostos, conceitos e, por fim, se transformam em *eus*, externados do mundo interior de cada sujeito, a partir da criatividade e criticidade materializada, no mundo exterior, na representação de cada indivíduo e de todos, e “*a representação do seu desejo de ser e de estar no mundo*” (Derdyk, 1989, p. 31).

De certa forma, o ser humano sempre se ocupou de sua representação, como já comentado, seja nos registros nas paredes das cavernas pré-históricas; em esculturas da Grécia Antiga, em busca de um ideal de beleza, simetria e harmonia que representasse externamente as qualidades humanas; na pintura clássica, na construção social e econômica

de sua sociedade, bem como do imaginário religioso; no abandono da representação das formas de maneira realista na pintura moderna até as “*selfies*” da contemporaneidade. Atualmente, observamos uma crescente quantidade de registros de “*eus, selfies, autorretratos virtuais*” sendo produzidos e expostos nas diversas redes sociais, marcando uma nova era de representações da figura humana.

Após o advento da fotografia, a pintura perdeu o propósito de capturar uma imagem por meio do processo manual e eternizá-la em uma tela. Dessa maneira, perdeu-se também a verossimilhança com a realidade (mundo exterior) nas representações pictóricas, dando espaço para a criatividade do artista florescer e criar novas formas de usar a pintura e de representar tal mundo externo, a partir de sua visão particular daquele cenário (mundo interior).

Neste contexto potente da representação de si, foi propício fomentar a criatividade dos educandos/artistas envolvidos neste Projeto, de modo a saírem de suas zonas de conforto em relação à produção e à reprodução de imagens de si, capturadas pelas lentes da câmera de seus celulares em apenas um clique, e passar a produzir tais imagens de forma manual — materializá-las no mundo exterior por meio da percepção de mundo interior de cada sujeito histórico e social que somos.

A proposta em questão, portanto, dialoga diretamente com a “*Pedagogia do oprimido*”, de Paulo Freire, sobretudo, quando ele diz que

o conhecimento emerge apenas através da invenção e reinvenção, através de um questionamento inquieto, impaciente, continuado e esperançoso de homens no mundo, com o mundo e entre si (Freire, 2002, p. 32-34).

Por isso, a articulação entre escola e espaços culturais, o desenvolvimento da linguagem do desenho, bem como a ocupação de espaços de exposição na posição de artística, de modo dialógico, reflexivo e crítico pode ser compreendida com uma potente ação formadora e emancipadora dos sujeitos envolvidos nesta prática. Segundo Moreira (2010), podemos considerar a prática docente aqui relatada como uma oportunidade de abordar a capacidade que o educando e o educador têm para refletirem criticamente a realidade na qual estão inseridos, possibilitando a constatação, o conhecimento e a intervenção para transformá-la.

Caminhos de Construção do Conhecimento

A escola com Paulo Freire está comprometida com uma educação como prática da liberdade, tendo como base o diálogo, a criticidade, a autonomia e a construção do conhecimento que emancipa os sujeitos. Neste processo “*quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender*” (Freire, 2018, p. 25), num espaço de procura, em que estão presentes a boniteza e a alegria, conforme Freire (2018).

O pensamento de Paulo Freire norteou toda esta prática docente na EJA do Centro Pedagógico da UFMG, que culminou com a criação dos autorretratos. Durante o processo, muitos foram os momentos de diálogo, escuta sensível, observação, reflexão, planejamento, registro, ação e avaliação, em que teoria e prática se retroalimentaram, na formação e na construção de sentidos de e para todos os sujeitos envolvidos neste trabalho.

Nessa perspectiva, os conhecimentos e experiências de cada educando, seus interesses e necessidades constituem o ponto de partida para o estabelecimento do diálogo no cotidiano do espaço de ensino e aprendizagem. Então, partindo dos conhecimentos desses sujeitos, de suas vivências dentro e fora da escola, buscamos desenvolver uma prática pedagógica conectada com situações singulares, visando construir, conjuntamente com os educandos, e de modo gradual, situações de aprendizagem que oportunizam reflexões cada vez mais complexas e diferenciadas para construção de respostas, (re)elaboração de concepções

e construção do saber, por meio de um processo dialógico que favorece o crescimento tanto do estudante quanto do professor em formação, que buscam o Programa como um espaço de formação.

Esta ação docente que apresentamos é o percurso construído com e por um grupo específico, que pode servir de inspiração para outros grupos. Não há uma receita pronta, pois cada sujeito é único.

5.1. Proposta Pedagógica: Autorretratos

O trabalho de construção dos autorretratos estabeleceu um elo entre os componentes curriculares, Arte, Sociologia e Língua Portuguesa, e foi desenvolvido com estudantes de duas turmas de 1º ano do Ensino Médio de EJA, ao longo do ano letivo de 2017, com o intuito de abordar as representações do ser humano na sociedade atual e de realizar reflexões sobre o ser e estar no mundo. Os professores também assumiram o papel de artistas e produziram seus autorretratos, bem como participaram ativamente de toda esta experiência.

5.1.1. Sujeitos

No ano de 2017, o Centro Pedagógico da UFMG passou a oferecer o Ensino Médio para jovens, adultos e idosos, formalizado por meio do “*Projeto de Ensino Médio de Jovens e Adultos (PROEMJA)*”, implementado pela Profa. Rosane Campos, à época. O PROEMJA veio reforçar a construção de uma base sólida para a implantação de um currículo interdisciplinar, já em curso no Programa maior.

Nesse ano, recebemos a primeira turma de Ensino Médio para cursar o 1º ano dessa etapa escolar, entre eles, mulheres e homens,

trabalhadores, com idade entre 18 e 75 anos, moradores da região metropolitana de Belo Horizonte, em sua maioria, em bairros populares. Também contamos com professores coordenadores e em formação, vinculados à UFMG, ligados aos componentes curriculares Artes Visuais, Biologia, Educação Física, Espanhol, Física, Geografia, História, Matemática, Pedagogia, Português, Química e Sociologia. Além disso, contamos com a parceria de várias pessoas do Espaço do Conhecimento da UFMG, do Centro Cultural Banco do Brasil, do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, entre outros.

Quadro 1 – Sujeitos envolvidos, 2017.

• Professores coordenadores	12
• Professores em formação	18
• Educandos da EJA	63 (1º ano do Ensino Médio)*
• Parceiros ligados a espaços culturais	3

* Quantitativo indicado na lista de matrículas para o 1º ano do Ensino Médio, em 2017. *Fonte:* Elaborado pelos autores deste trabalho, fev./2023.

5.1.2. *Objetivos*

Ao produzir seu autorretrato, o sujeito-artista procura se retratar de forma mais íntima e descobrir-se ao longo do processo. Além de ser o responsável pela produção da obra, o sujeito se coloca como tema principal e estabelece relações entre criador, um ser social e histórico, e sua criação, também ancorada em um contexto espaço-temporal de vivências desse sujeito-criador.

Neste contexto, o objetivo geral da atividade foi oportunizar a criação de um espaço para o exercício desse tipo de representação a

cada educando, a qual permite revelar traços do seu criador e provocar reflexões sobre identidade, autoconhecimento e pertencimento, externalizadas artisticamente, com base na teoria, nas técnicas estudadas e nas obras apreciadas pelo coletivo.

5.1.3. Metodologia

O trabalho foi dividido em 3 (três) etapas, conforme estabelecido em diálogo entre educadores e educandos:

Etapas 1: escuta sensível dos estudantes sobre as dificuldades, as barreiras e tabus relacionados a tais representações e seus possíveis significados:

- roda de conversa com os estudantes;
- seminários relacionados ao assunto.

Etapas 2: percepção e análise da pintura na sociedade e suas transformações até o período renascentista:

- contato dos educandos com um repertório de obras para perceberem que, em todos os períodos, o ser humano se ocupou de sua representação;
- visita à exposição “*Entre nós: a figura do humano no acervo do MASP*”, no CCBB, em Belo Horizonte/MG;
- visita à exposição “*Demasiado Humano*”, no Espaço do Conhecimento da UFMG, na capital mineira;
- visita ao acervo do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, MASP, em São Paulo, capital.

Etapa 3: produção dos autorretratos e exposição:

- usando fotografias pessoais como referência, os educandos se representaram (desenho livre sobre papel A3) e, posteriormente, pintaram seus autorretratos, com lápis aquareláveis;
- exposição dos trabalhos finalizados, no Espaço Arte-Educação da Faculdade de Educação (FaE-UFMG).

Esse processo foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2017, presencialmente. A maior parte das atividades foi realizada durante as aulas de Arte, no espaço da sala de aula, no CP-UFMG. As visitas aos espaços culturais e a Mostra, todavia, foram atividades extraclasse.

5.1.4. Desenvolvimento do Trabalho

Procuramos criar um ambiente oportuno para que os estudantes percebessem que, em todos os períodos, o ser humano se ocupou de sua representação: na pré-história, em cenas de caça; na Grécia Antiga, na escultura, na pintura clássica, na constituição social e econômica de sua sociedade quanto ao imaginário religioso; atualmente, com as “*selfies*”.

Para realizarmos o processo de experimentação e percepção da representação da figura humana na pintura, primeiro propusemos uma pesquisa em livros da Biblioteca do CP, depois, em meio digital, foi utilizado o laboratório de informática da escola. Em seguida, selecionamos algumas imagens e, no espaço da sala de aula, expusemos diversas maneiras de representar o corpo humano, no âmbito da História da Arte, como forma de sistematizar alguns ideais e padrões de autorrepresentação para alinhamento do coletivo, por meio de observação, reflexão crítica e diálogo, em rodas de conversa e seminários.

Essa abordagem é importante porque, conforme Derdyk:

Cada época desenha a sua figura, a sua imagem, a sua persona cultural [...] são várias tendências dominantes que acabam por nos revelar os múltiplos significados que o corpo assumiu dentro de cada cultura (Derdyk, 1989, p. 31).

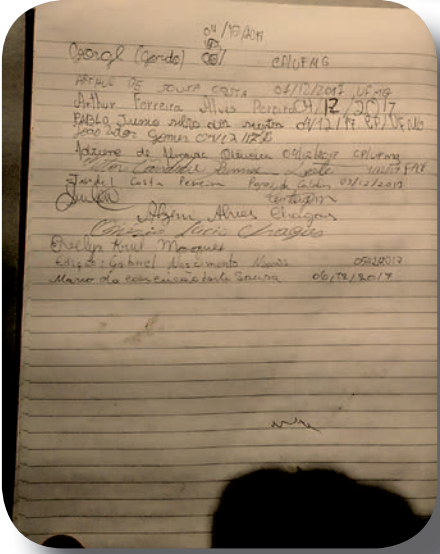
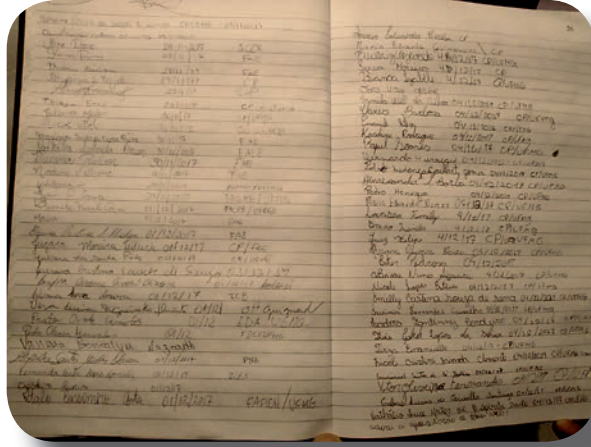
Finalizada essa etapa, realizamos as duas primeiras visitas. A primeira, no CCBB-BH, a fim de apreciarmos a exposição “*Entre nós: a figura do humano no acervo do MASP*”, e a segunda, no Espaço do Conhecimento da UFMG, “*Demasiado Humano*”. A terceira visita foi ao MASP, em São Paulo. Ela aconteceu somente no final do segundo semestre, época em que os autorretratos já estavam sendo criados (etapa 3), embora, metodologicamente, componha a segunda etapa do trabalho.

A produção dos autorretratos aconteceu predominante em sala de aula. Neste momento, os educandos passaram a colocar em prática todo o conhecimento construído sobre a pintura, autorrepresentação e suas técnicas. Usando lápis de escrever, os estudantes traçaram o esboço da obra, tomando como base suas observações em espelho e fotografias pessoais. O desenho foi feito a mão livre, em papel A3. Em seguida, foi pintado com lápis aquareláveis e/ou sombreado com grafite.

Quando os autorretratos ficaram prontos, o professor em formação e, também, autor desta obra, Guilherme Rincon, assumiu a curadoria da Mostra “*Autorretratos da EJA*”, no Espaço Arte-Educação da Faculdade de Educação (FaE-UFMG), onde os trabalhos foram expostos, visitados pela comunidade interna e externa da Universidade e, sobretudo, onde os estudantes vivenciaram um dos pontos altos da proposta: a ocupação de um espaço público por suas obras.

Montagem da Mostra Autorretratos da EJA:





5.1.5. Avaliação Geral do Trabalho

Durante todo o processo, os diálogos foram profundos e muito significativos para o grupo. Todos aprenderam bastante sobre arte, em geral, e sobre a arte dos autorretratos, especificamente, do ponto de vista histórico e técnico. Mas, sobretudo, puderam refletir sobre si e sobre o ser e estar no mundo, (re)elaborando muitas de suas concepções, ampliando os horizontes.

Na ocasião de abertura da Mostra, observamos a satisfação e a alegria dos estudantes jovens, adultos e idosos ao indicarem o local onde estava o seu autorretrato, ao fotografarem a sua própria obra e, especialmente, ao abrirem um largo sorriso ao enxergarem sua produção na exposição. Estas expressões foram ratificadas pelos próprios educandos ao responderem a esta questão: “*O que a exposição de sua obra na Mostra Autorretratos da EJA representou para você?*”. Como respostas tivemos:

“Vitória”.

“Emoção, conhecimento e empoderamento”.

“Um marco histórico da minha volta aos estudos”.

“Foi muito importante fazer parte dessa exposição. Ver meu trabalho exposto na galeria e contribuir com essa experiência maravilhosa me deu a oportunidade de motivar outras pessoas a buscarem seus sonhos e voltar aos estudos”.

“Foi importante para todos os alunos, pois nos sentimos importantes”.

“A minha identidade, meu lugar”.

“Satisfação”.

“Superação”.

Acreditamos que desenhar a figura humana é algo significativo, pois permite pensar sobre si, sobre seu corpo, sua personalidade, sua identidade. Além disso, as produções dos estudantes também se deram como uma forma de enfrentar a dificuldade da representação da figura humana e de si próprio, como um exercício de subjetividade. Por sua vez, a exposição pública das obras foi mais um passo destes sujeitos rumo a ocupação dos espaços que lhes são de direito, provocando a sensação legítima de satisfação, de vitória, de superação, de pertencimento, como comprovam as falas dos estudantes, transcritas anteriormente.

Agradecimentos

Neste percurso de muitas aprendizagens, teoria e prática se retroalimentaram, bem como as ciências e as vivências individuais e coletivas, num processo pulsante de construção do saber, que somente é possível porque estão implicados muitos e diversos sujeitos, pelos quais temos imensa gratidão:

Educandos e educandas do 1º ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos do Centro Pedagógico da UFMG, de 2017, nossa primeira turma do PROEMJA:

Adelso Antônio da Silva

Aloncio Silva Dias

Alzeni Alves Chagas

Ana Maria da Silva Ferreira

Ana Rodrigues da Cruz

Andrews Terra Rezende

Breno Figueirôa Rodrigues Silva

Cláudia Márcia Bonifácio Nogueira

Cláudio Marcos Pereira

Dalva Maria Fonseca Librelon

Danielle da Fonseca de Paula

Eduardo Macedo Nogueira

Euler de Cássio Machado

Fábio José de Souza Gardini

Felipe da Silva Hilário

Fernanda Dias Dote do Pim

Geraldo Eustáquio de Souza
Gleidson Rodrigues Aguiar
Herivelto Vieira dos Santos
Humberto Bellilo
Ilimar Gabriel de Oliveira
Isaura Santos Chaves
Isis Monteiro de Oliveira
Joelma Aparecida Borges de Oliveira
Leda de Oliveira Lino
Luciano Beiral de Oliveira
Lucivânia Lins Barroso Arruda
Marcela Rodrigues Messias
Maria Aparecida Santiago
Maria de Lourdes Luiz Soares
Maria dos Santos Rodrigues
Marilde Gama Souza
Marinete de Souza Silva
Marley Amorim Chaves
Matheus Vinicius da Cruz
Matilde Paulina de Oliveira Filha
Maurício Antunes de Souza
Mauro Sérgio da Silva Sales
Nagyla Stephanie Campos V Nunes
Neide Lopes Martins Rosa Alves
Neusa Maria Lopes
Nilma Alves dos Santos Britto
Noemi Gonçalves Soares
Onésio Lúcio Chagas
Pedro Henrique Moraes de Carvalho
Rafael Silva e Souza

Rayanne Junie Perera Duarte
Ronalde das Neves Santos
Ronaldo Brito Corgozinho
Rosângela Pedrosa de Souza
Roseni de Jesus Moraes
Samuel Vitor Ferreira Silva
Sandra Rodrigues de Oliveira
Sérgio Leão de Souza
Silvanira Olinda Costa
Sircrécia Pereira Dias
Teresa Cristina de Azevedo
Vanessa Gonçalves Nazareth André
Virginalda Alves Araújo
Vitor Piriz Cabral

Professores em formação que vivenciaram a docência na primeira turma de Ensino Médio de EJA do CP-UFMG, em 2017:

Aline Ribeiro, ICEx/UFMG, Matemática
Bruno Arcoverde Cavalcanti, EEEFTO/UFMG, Educação Física
Fernanda Carla Lopes Gonzalez, ICEx/UFMG, Física
Fernanda dos Santos Scapolatempore, FaE/UFMG, Pedagogia
Filipe Dornas Munhoz, IGC/UFMG, Geografia
Flávia Melo dos Santos, ICEx/UFMG, Química
Guilherme Rincon Amora, EBA/UFMG, Artes Visuais
Janaina Lilian da Silva, FaLe/UFMG, Espanhol
Luana do Carmo Pirajá Ferraz Santos, ICB/UFMG, Biologia
Lucas Daniel Pereira Gomes, Fafich/UFMG, Ciências Sociais
Mateus Vinícios Afonso Rocha, Fafich/UFMG, História
Meiriele Cruz, FaE/UFMG

Siguinéia da Silva Viana Valério, FaLe/UFMG, Espanhol

Valesca Andrade Rennó, FaLe/UFMG, Português

Viviane dos Santos Moreira, FaLe/UFMG, Espanhol

Professores e técnicos administrativo-educacionais do Centro Pedagógico da UFMG (CP/UFMG), Colégio Técnico da UFMG (COLTEC/UFMG), Faculdade de Educação da UFMG (FaE/UFMG) e do Instituto de Geociências da UFMG (ICG/UFMG), imersos no Programa de Extensão de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG:

Adriana Angelica Ferreira, CP/UFMG, Núcleo de Geografia

Amanda Fonseca Soares Freitas, CP/UFMG, Núcleo de Educação Física

Ana Cristina Ribeiro Vaz, CP/UFMG, Núcleo de Ciências

Ana Maria Simões Coelho, ICG/UFMG, Departamento de Geografia

Ana Rafaela Correia Ferreira, CP/UFMG, Núcleo de Matemática

Anderson Altair Pinheiro de Macedo, CP/UFMG, Núcleo de Ciências

Araci Rodrigues Coelho, CP/UFMG, Núcleo de História

Bruno Silva Nigri, CP/UFMG, Núcleo de Educação Física

Claudio Emanuel dos Santos, CP/UFMG, Núcleo de Arte

Cristina Machado, CP/UFMG, Seção de Ensino

Danusa Munford, FaE/UFMG, Depto. de Métodos e Técnicas de Ensino

Denise Alves de Araújo, CP/UFMG, Núcleo de Matemática

Edna Maria Santana Magalhaes, CP/UFMG, Núcleo de Letras

Elaine Soares Franca, CP/UFMG, Núcleo de Ciências

Eliane Ferreira Campos Vieira, CP/UFMG, Núcleo de Geografia

Eliano de Souza Martins Freitas, COLTEC/UFMG, Setor de Ciências Sociais

Eliette Aparecida Aleixo, CP/UFMG, Núcleo de Artes

Eliezer Raimundo de Sousa Costa, COLTEC/UFMG, Setor de Ciências Sociais

Eulálio Marques Borges, CP/UFMG, Núcleo de Línguas Estrangeiras
Evaldo Balbino da Silva, CP/UFMG, Núcleo de Letras
Francisca I. P. Maciel, FaE/UFMG, Depto. de Métodos e Técnicas de Ensino
Guilherme Carvalho Franco da Silveira, CP/UFMG, Núcleo de Educação Física
Hermínia Maria Martins Lima Silveira, CP/UFMG, Núcleo de Letras
Ismael Krishna de Andrade Neiva, CP/UFMG, Núcleo de História
Jaqueline Silva Miranda, CP/UFMG, Núcleo de Línguas Estrangeiras
John Anderson Gabrich Machado, CP/UFMG, Setor de Informática
Joyce Rodrigues Silva Gonçalves, CP/UFMG, Núcleo de Letras
Juçara Moreira Teixeira, CP/UFMG, Núcleo de Letras
Juliana Batista Faria, CP/UFMG, Núcleo de Matemática
Juliana Ferreira de Melo, CP/UFMG, Núcleo de Letras
Júlio Cesar Virginio da Costa, CP/UFMG, Núcleo de História
Jurema Heloisa Coutinho, CP/UFMG, Setor de Logística Predial
Keli Cristina Conti, FaE/UFMG, Depto. de Métodos e Técnicas de Ensino
Luiz Gustavo Nicácio, CP/UFMG, Núcleo de Educação Física
Luiza Coutinho Martins, CP/UFMG, Núcleo de Ciências
Luiza Santana Chaves M. Ferreira, CP/UFMG, Núcleo de Línguas Estrangeiras
Marcos Sala, CP/UFMG, Núcleo de Geografia
Maria Carolina da Silva Caldeira, CP/UFMG, Núcleo Básico
Maria da Conceição F. R. Fonseca, FaE/UFMG, DMTE
Maria Ivanice de Andrade Viegas, CP/UFMG, Núcleo de Geografia
Marlaina Fernandes Roriz, CP/UFMG, Núcleo de Arte
Paula Resende Adelino, COLTEC/UFMG, Setor de Matemática
Paulo Henrique Pinto Coelho Rodrigues Alves, CP/UFMG, Núcleo de Arte
Raquel Dias, CP/UFMG, CENEX

Renata Alves Costa, CP/UFMG, Núcleo de Matemática

Renata Amaral de Matos Rocha, CP/UFMG, Núcleo de Letras

Roberson Nunes, CP/UFMG, Núcleo de Arte

Rosana Aparecida Alves Reis, CP/UFMG, Biblioteca

Rosane Cássia Santos e Campos, CP/UFMG, Núcleo de Letras

Rosilene Siray Bicalho, COLTEC/UFMG, Diretoria

Ruana Priscila Da Silva Brito, CP/UFMG, Núcleo Básico

Santer Alvares de Matos, CP/UFMG, Núcleo de Ciências

Suellen Guimarães Alves, CP/UFMG, Seção de Ensino

Tânia Aretuza Gebara, CP/UFMG, Núcleo Básico

Tânia Margarida Lima Costa, CP/UFMG, Núcleo de Matemática

Thiago Carvalho Meira, CP/UFMG, Núcleo de Arte

Thiago Enes, CP/UFMG, Núcleo de História

Valeria B. Machado, FaE/UFMG, Depto. de Métodos e Técnicas de Ensino

Warley Machado Correia, CP/UFMG, Núcleo de Matemática

Sobre os Autores



Foto: Sumaia Garcia.

Renata Amaral de Matos Rocha

Define-se como uma pessoa inquieta e inventadeira. Nascida nas Minas Gerais, costuma confidenciar que aprecia um bom café com pão de queijo, uma boa prosa e um bom livro, bem como a companhia terrena de seus dois filhos, Alice e Juninho. A professora conta que sua cabeça é povoada por palavras e que, delas e por meio delas, desenvolve seus trabalhos, no campo do ensino, da pesquisa e da extensão. É doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atua profissionalmente como docente e pesquisadora do Núcleo de Letras, no Centro Pedagógico (CP) da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde tem estudos no campo da literatura e educação antirracista, da educação de jovens e adultos e das metodologias ativas no ensino de Língua Portuguesa.



Foto de Sumaia Garcia

Guilherme Rincon Amora

Natural de Belo Horizonte. Bacharel em Artes Visuais pela Escola de Belas-Artes da UFMG, formado em 2019, e licenciado, no mesmo curso, em 2020. Foi bolsista da Pró-Reitoria de Extensão, atuando como professor em formação, no Centro Pedagógico da UFMG, vivenciando a docência em Arte, com educandos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Também foi coordenador adjunto do projeto de extensão Voos, que buscava desenvolver a formação dos jovens e adultos pelo viés da arte, cultura e lazer. O artista plástico participou de exposições coletivas na Escola de Belas-Artes (2015, 2017 e 2018), exposição individual Brasilidade (2019) e foi curador da exposição Autorretratos e Fotografias do PROEMJA (2017), na Faculdade de educação (FaE-UFMG).

Referências

ARROYO, M. G. **Formar Educadoras e Educadores de Jovens e Adultos**. *In*: Seminário Nacional sobre Formação do Educador de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CAMPOS, R. **Imageira** – O Nascimento das Histórias em Quadrinhos. São Paulo: Ed. Veneta, 2015, 360p.

COSTA, C. B.; RODRIGUES, M. E. C.; MACHADO, M. M. **Formação continuada de educadores de jovens e adultos**: Desafios e contradições de um currículo para trabalhadores. *In*: ALVES, W.F.; MACHADO, M. M. (Orgs.), **TRABALHO E SABER: QUESTÕES E PROPOSIÇÕES NA INTERFACE ENTRE FORMAÇÃO E TRABALHO**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2016, p. 33-56.

DERDYK, E. **Desenho da Figura Humana**. São Paulo: Scipione, 1989.

DERDYK, E. **Formas de Pensar o Desenho**: Desenvolvimento do Grafismo Infantil. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2004.

EISNER, W. **Quadrinhos e Arte Sequencial/Will Eisner**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989, 154p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. **O Homem e Sua Experiência/Alfabetização e Conscientização**. *In*: FREIRE, P. **CONSCIENTIZAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA LIBERTAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980, p. 13-50.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança – Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GIL, J. **Sem Título: Escritos Sobre Arte e Artistas**. Lisboa: Relógio D'Água, 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GOMES, C. L. **Lazer, Trabalho e Educação: Relações históricas, questões contemporâneas**. 2. Ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

GOMES, C. L. **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

LIMA, S. **O Corpo Significa**. São Paulo: EDART/Livraria Editora, 1976, 231p.

MARQUES, B. Entrevista com José Gil. **Revista de História da Arte**, nº 5, 2008.

MOREIRA, C. E. **Criticidade**. In: REDIN, E.; STRECK, D.R.; ZITKOSKI, J.J. (Orgs.), **DICIONÁRIO PAULO FREIRE**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PAIVA, V. **Educação Popular e Educação de Adultos**. São Paulo: Loyola, 1973, v. 1, 368 p.

QUINTANA, M. **Apontamentos de História Sobrenatural**. 6 ed. São Paulo: Globo, 1998. p. 22.

SANTOS, J.D.A., ROSA, A.C., MELO, A.K.D. **O Uso das Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: Reflexões sobre um Relato de Experiência**. *In*: III SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO INFOINCLUSÃO: POSSIBILIDADES DE ENSINAR E APRENDER. 17 a 19 de setembro de 2012.

SANTOS, J.D.A.; ROSA, A.C.; MELO, A.K.D. **O Uso das Tecnologias na Educação de Jovens e Adultos: Reflexões sobre um Relato de Experiência**. *In*: III SIMPÓSIO EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO INFOINCLUSÃO: POSSIBILIDADES DE ENSINAR E APRENDER. 17 a 19 de setembro de 2012.

SICARD, M. Ce que fait le musée... Science et art, les chemins du regard. **Publics & Musées**, n. 16, 2001. p. 41-53.

SOARES, L. Educação de Jovens e Adultos: direito, acesso e permanência. **Revista Presença Pedagógica**, 2019.

SOARES, B.C.B. **Entendendo o Ecomuseu**: uma nova forma de pensar a Museologia. *Revista Eletrônica Jovem Museologia – Estudos sobre Museus, Museologia e Patrimônio*. Ano 1, n. 2, 2006. Disponível em: <https://webrejm.wixsite.com/rejm/ler>. Acesso em: 10 fev. 2023.

VIEIRA, V.; BIANCONI, M. L.; DIAS, M. Espaços Não-Formais de Ensino e o Currículo de Ciências. **Ciência & Cultura**. v. 57, n. 4, p. 21-23, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n4/a14v57n4.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2019.

